

## IDENTIDADE NEGRA

## Mostra fotográfica distribui grandes painéis pelas ruas de Salvador

Salvador recebeu uma grande mostra fotográfica, provavelmente uma das maiores já vistas na capital baiana, entre os dias 8 de janeiro e 16 de fevereiro deste ano. Ruas, avenidas e praças se transformaram em galerias, e a cidade ganhou ares de um imenso museu a céu aberto. Ao todo foram expostos 1.501 painéis, com imagens de pessoas consideradas negras, que integraram o projeto “Salvador Negroamor”, do fotógrafo e publicitário Sérgio Guerra e do curador Alberto Pitta.

As fotografias colocaram em cena pessoas comuns, crianças, velhos, jovens, comerciantes, mães e pais-de-santo, baianas de acarajé, entre outras personagens. Em dimensões e formas semelhantes a peças publicitárias, as fotos causavam estranhamento naqueles que não sabiam do que se tratava. Os painéis concorriam com modelos brancas seminuas, anunciando diferentes produtos nos *outdoors*. Alguns aguardavam a propaganda de produtos que viria depois, uma estratégia de marketing conhecida como *teaser*.

**AUTO-ESTIMA** A mostra foi pensada visando a construção de uma imagem positiva da população negra baiana e a geração de novas sensibilidades para as discussões sobre as relações raciais na cidade. A iniciativa soma-se a muitas outras, como a de organizações culturais, religiosas, políticas, e também órgãos governamentais, por exemplo, liga-



Um dos painéis expostos na mostra de Salvador

dos ao turismo, que na Bahia já projetam e utilizam há bastante tempo imagens de pessoas consideradas negras. Para Paula Cristina da Silva Barreto, professora da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (Ufba), no longo prazo e tendo em vista o conjunto dessas intervenções, é possível que haja um efeito em termos de construção da identidade e de uma imagem mais positiva dos negros, repercutindo em sua autoestima. “Cada iniciativa isolada dá uma contribuição pequena, mais simbólica que material, mas que, quando situada em um contexto mais amplo, tem um efeito importante na mudança das representações e das imagens negativas associadas aos ‘negros’”, avalia.

O antropólogo Osmundo Pinho, pós-doutorando na Unicamp, também acredita que se, de fato, a exposição promoveu formas de identificação afrodescendente e criou um ambiente positivo ao reconhecimento da forte presença negra na constituição da cidade, é possível esperar uma

ampliação do interesse pelo tema. Entretanto, “normalmente os processos sociais não são tão lineares e previsíveis”, ressalta Pinho. Para ele, é importante perceber que “a reivindicação por igualdade racial e por uma re-qualificação da presença negra, e dos negros, na sociedade brasileira, produz atores sociais, subjetividades, instituições ou sujeitos políticos diferenciados. Ou seja, é a luta, ou os processos sociais, que produzem os sujeitos”, afirma.

**POLÊMICAS** “Salvador Negroamor” foi alvo de muito elogio mas também de críticas. Os blocos afros, com dificuldades financeiras, questionaram o alto investimento na mostra – US\$ 1,5 milhão investidos pela Petrobrás, através da Lei Rouanet. Movimentos negros criticaram a expectativa da exposição de “devolver à Bahia sua verdadeira identidade”, desconsiderando toda a luta da comunidade em andamento há muito tempo. Para Osmundo Pinho, as polêmicas e a própria concepção da mostra



As 1.501 fotos espalhadas nas ruas causaram curiosidade

fazem parte de um “conjunto de transformações que têm alterado a paisagem das lutas culturais e políticas em torno das relações raciais em Salvador”.

A emergência dos blocos afros, nas décadas de 1970 e 1980, e a multiplicação de entidades políticas afrodescendentes evidencia uma mobilização da população negra na luta contra “desafricanização” da cidade, ocorrida nas primeiras décadas do século XX, diz o antropólogo. Ele explica que a “desafricanização” das ruas, da cidade e da vida cultural local era um movimento que pretendia apagar – expurgar ou assimilar – práticas culturais que remetessem à África ou à africanidade, como os candomblés, o carnaval negro das batucadas e afoxés e outras festas populares. A mobilização da população negra, que resgatou a resistência passada, resultou na “recente inclusão nos debates públicos da temática anti-racista e de valorização da contribuição negra à sociedade, forçando a constituição de agências governamentais, e de políticas públicas de

## DIVERSIDADE CULTURAL A PARTIR DE PERNAMBUCO

Jornalismo cultural feito fora do eixo Rio-São Paulo. Essa é a proposta da revista *Continente Multicultural*, da Companhia Editora de Pernambuco. A publicação é abrangente e cobre temas ligados à arquitetura, artes plásticas, cinema, dança, fotografia, literatura e artes cênicas, conferindo visibilidade a artistas e movimentos culturais nordestinos e, principalmente, pernambucanos. Já foram pauta da publicação a obra do artista multimídia Paulo Bruscky, a cena musical pós-mangue beat na cidade do Recife e o trabalho do Grupo Grial de Dança, herdeiro do Movimento Armorial, criado por Ariano Suassuna, na década de 1970, para valorizar as culturas populares do Nordeste.

A revista conta, ainda, com uma série de edições especiais: os 60 anos do livro *Geografia da fome*, de Josué de Castro; a construção de Miguel Arraes como mito político; os 100 anos do frevo; a vida e a obra de Câmara Cascudo; entre outras obras e personalidades que já foram capa da “Continente Documento”.

Com tiragem de 10 mil exemplares, a revista é mensal e o resumo de suas matérias pode ser acessado em [www.continentemulticultural.com.br](http://www.continentemulticultural.com.br).



Reprodução

caráter afirmativo”, avalia o antropólogo. Os efeitos da exposição são, para Pinho, como “ecos da mobilização secular pelo reconhecimento da presença negra na cidade como positividade”.

**ANGOLA E BAHIA** A mostra colocou nas ruas da cidade não apenas fotos de baianos, mas também de angolanos. Outro objetivo dessa intervenção fotográfica era produzir aproximações entre esses povos, como Sérgio Guerra já havia explorado em outra exposição: “Lá e Cá – São Paulo e São Joaquim”. A exposição apostou nas semelhanças entre baianos e angolanos para criar uma identidade entre eles. Entre as 16 mil fotos tiradas pelo fotógrafo, foram selecionadas as

que não deixavam explícitas diferenças entre esses povos, por meio de objetos, lugares, vestes ou cenas. Muitas pessoas passaram pelas ruas sem perceber que não se tratava apenas de baianos. Paula Barreto lembra que outros fotógrafos, como Pierre Verger, também buscaram evidenciar a continuidade entre a África e o Brasil que, em sua opinião, acabou não sendo o ponto forte da exposição. “Tenho a impressão que o público não percebeu a proposta”, diz. Apesar do slogan presente em alguns poucos anúncios do projeto, que diziam: “É Brasil. É África. É Bahia. É Angola. É Salvador Negroamor”.

Susana Dias